

Metamorfoses

Farol das Letras
19 de Novembro de 2006

A noite parecia querer aterrar
como uma nave cansada
da sua viagem pelo espaço,
enquanto o sol,
num sopro de deslumbramento e êxtase,
derramava ainda uma poalha escarlata,
através da densa mata
que se perde onde o olhar do mais simples
já não alcança,
diluindo-se num orgasmo fecundo
de que resultava o nascimento
duma imensidão de pequeníssimos sóis
estrelajantes sob o manto
claro e protector da mãe lua.

Uma vontade inabalável de ver nascer o sol.
Tudo era calmo:
no silêncio das sombras,
a leveza de um aroma fresco e doce
exalava uma melodia selvagem de sons surdos,
segredando sonhos secretos
soltos na magia de uma atmosfera estranha
e sedutora,
e as estrelas mais despertas
pareciam começar a amodorrar numa sonolência
etérea [e] geradora duma vida nova.
Que comunhão de paz!

Ao lado da multidão,
passava a Catarina
com um balde à cabeça, que baloiçava
conforme a cadência
do trejeito ritmado de seus pés.
Era uma negrinha
dos seus onze ou doze anos
subalimentados,
corpo franzino,
sem quaisquer formas a esconder,
enrolado num saco de farinha,
e uma negritude nos olhos
incapaz de esconder a tristeza
mesmo em dia de festa.
- Estás triste Catarina?
- *Maningue*, alferê.
- Não vais dançar no batuque?
- Catarina não tem vestido.

Como é diferente o domingo aqui [...]
Lembro-me da família...
e a imagem de Silvana
não desaparece da minha cabeça.
O que fará ela num domingo de Novembro?
E como estará lá o tempo?
Fará sol?...
Choverá?...
Soprará o vento?...
Vento, leva-lhe o meu recado! [...]

Vento, leva-lhe o meu recado!
Diz-lhe que sim,
diz-lhe sempre que sim...
Diz-lhe que o seu olhar chega até mim!

É dia de S. Martinho e dos magustos!
É claro que nos lembramos das castanhas,
mas...
Por que raios é que há-de haver sempre
datas que só servem para amargurarem
ainda mais a nossa vida [...]
Não me apetece escrever mais nada.

Noite de suave frescura.
Que suavidade!
Que paz!
Que tranquilidade!
Uma espessa neblina acorda com dolência,
anunciando a aurora sob um manto
duma tonalidade plúmbea.
Que indiscreta beleza!
Beleza dum vegetação cravejada
de finíssimas gotículas que mais parecem
a cristalina pedraria
duma infinita e deslumbrante escultura:
Um hino à natureza!

O céu esventrou-se e a noite rasgou-se em claridade.
E eu vi a pobre dimensão humana num refúgio sofrido
de impotência miseramente confessada! Oh guerra!
Oh guerra de trevas e clarões, de estampidos e trovões
– qual guerra de estrelas estranhamente desigual –
onde jaz a harmonia deste meu estranho espaço?
De vós, nuvens, apenas o vômito dum estranho desprezo
pelo sonho que morre na embriaguez dos intrépidos.
E, exauridos, renascemos do fundo do apocalipse
envoltos num círculo fechado que se tornava eclipse
dum tempo que sangrava ódio ao próprio ódio.

Disparos de uma máquina fotográfica

Um semblante melancólico pela partida dos amigos;
um mar de gente a acenar a despedida;
o quartel
– a casa que, apesar de tudo, fora o lar daquele tempo;
o rio
– sem o garrido das capulanas
das mulheres que faziam a barreira –
o rio
– sem o chilreio vivo e alegre da pequenada
que nele se banhava –
o rio parecia carpir um pranto dolente e triste
junto do canavial emudecido
e sem alma para lhe fazer coro.
No entanto, a manhã – uma manhã de encanto –
a manhã revestia-se de uma formosura diáfana.
Recordei Camões:
“Aquele triste e leda madrugada...”
Invadia-me uma nostalgia profunda
que me impedia de ser totalmente feliz
naquele instante.
Naquele instante, sabia que ficavam ali
muitos pedaços de mim.
Já o último olhar:
o rio...
o rio era já só uma pequena franja
em jeito de espelho cada vez mais baço.